

XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

COEXISTÊNCIA PERIFÉRICA DO HIP HOP CARIOCA: MULTITERRITORIALIDADE E REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Emika Takaki (UFRJ / PROURB) - e.takaki@gmail.com

Arquiteta Urbanista, Doutoranda PROURB/ UFRJ

Glauci Coelho (UFRJ / PROURB) - coelhoglauci@gmail.com

Arquiteta Urbanista, Doutoranda PROURB/ UFRJ

Coexistência Periférica do Hip Hop Carioca: Multiterritorialidade e Redes Sociais Virtuais

Resumo

Este trabalho teve como objetivos dar visibilidade à cultura *hip hop* e investigar a inserção de comunidades virtuais nos territórios híbridos da cidade. Trazemos para o debate como o movimento *Hip Hop* constrói espacialidades híbridas no cenário urbano e desenha sua coexistência periférica na cidade do Rio de Janeiro. Um dos mecanismos de atuação do *hip hop* se dá através de *sites* de relacionamento e das redes sociais virtuais. Assim, a partir das comunidades virtuais observam-se a construção de uma multiterritorialidade resultante da sobreposição de territórios capaz de romper os limites temporais e geográficos. Esta pesquisa foi desenvolvida no período entre setembro de 2008 e abril de 2010, resultando em relatórios textuais e fotográficos. Nossa metodologia foi baseada em pesquisa em campo e em sites de relacionamento (*wikis, orkut, twitter e blogs*) do movimento *hip hop*. A partir de uma investigação exploratória e não estruturada, identificamos que estas redes sociais virtuais são caracterizadas por um sentimento de pertencimento, senso comum e forte interação social. As redes sociais virtuais comprovam que o ciberespaço é considerado um incremento do capital social e cultural. Entender esta interface digital permite uma melhor compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e de ampliação do capital social em nossa sociedade.

Palavras chaves: multiterritorialidade, hip hop, cultura, espaço público, identidade.

Apresentação

O movimento hip hop na cidade do Rio de Janeiro constrói espaços simbólicos em que a população apóia sua identidade, exprime sentimento de pertencimento e cria seu patrimônio cultural. Assim, a partir destas comunidades virtuais observa-se a construção de uma multiterritorialidade resultante da sobreposição de territórios capaz de romper os limites temporais, sendo definida pelo 'encaixe' em diferentes escalas e dimensões.

Vale observar que os eventos do movimento hip hop, divulgados também pelas redes sociais, encontram sua materialidade em espaços de domínio público na cidade, como um dos muitos pontos desta rede que desenha sua coexistência periférica no cenário urbano, transformando e (re)-significando espaços urbanos em lugares de encontro.

Este trabalho tem como objetivos dar visibilidade à cultura *hip hop* e investigar a inserção de comunidades virtuais nos territórios híbridos da cidade. Ressaltamos que um dos mecanismos de atuação do movimento *hip hop* se dá através de sites de relacionamento e das redes sociais virtuais.

Nossa construção teórico-metodológica foi baseada em pesquisa em campo com diversas incursões entre setembro de 2008 e abril de 2010 que resultaram em relatórios textuais e fotográficos, em *sites* de relacionamento do movimento *hip hop* visualizados nas páginas dos *wikis*, *orkut*, *twitter* e *blogs*, além de argumentações teóricas sobre cultura híbrida, espaços públicos e multiterritorialidade trazidas conseqüentemente por Canclini (2000, 2006), Teixeira Coelho (1986, 1997) e Haesbaert (2004).

Com efeito, é válido compreender que o acesso à cultura universal deve ser combinado com a valorização dos processos criativos dos grupos e movimentos culturais da comunidade, para que a sua experiência, o seu saber e a sua visão de mundo interpenetrem o tecido social.

A cultura e os [novos] espaços de sociabilidade: redes sociais virtuais

Partimos da idéia que o movimento cultural do hip hop, ao se manifestar na cidade, cria a possibilidade da relação de coexistência com o Outro. Tal comunicação e possibilidade de coexistência são manifestas no novo espaço definido por Werthein (2000, p.73) como *infovia*. Este novo espaço virtual assume características que antes eram próprias dos espaços públicos e se consolidam cada vez mais como o primeiro lugar de encontro, ou seja, é a ante-sala para a materialidade dos espaços de sociabilidade.

Podemos dizer em certa medida, que a materialidade de certos grupos culturais e sócio-políticos, e mesmo dos seus lugares de encontro é construída coletivamente nas redes

sociais virtuais, que antecipam a sinergia do seu devir urbano. Tal sinergia é produto também da capacidade de penetrabilidade da sociedade da informação capaz de “*alterar continuamente todos os processos que afetam a vida individual e coletiva*” (WERTHEIN, 2000, p.74).

Nesse ponto não poderíamos deixar de ressaltar o debate em torno da identidade cultural ou perda dela, tão debatida quando se trata de realidade virtual. Com efeito, acreditamos que as infovias, que aqui são abordadas como “redes sociais virtuais” não só reafirmam e tornam coesa a identidade da cultura hip hop e de qualquer outro movimento social, cultural e político que usa a rede como lugar de encontro, mas também delimitam territórios.

Entendemos que essa interação virtual possibilita a resignificação dos espaços urbanos e reinventa a socialização da vida coletiva. Werthein (2003) observa que esta reinvenção está diretamente coligada à idéia de cultura, que na prática brasileira é interpretada “*como [sendo a] possibilidade de reconstrução social e de convivência*”, e que ainda representa a nova “*sociabilidade diante da fragmentação individualista do mundo*” (WERTHEIN, 2003a, p.4), pois a cultura é:

“capital social capaz de mobilizar, por estimular o sentimento de pertencimento a um projeto coletivo, a participação, a promoção de atitudes que favoreçam a paz e o desenvolvimento sustentado, o respeito a direitos, enfim, a capacidade da pessoa humana e das comunidades de regerem o seu destino”. (WERTHEIN, 2003b, p.16)

O *hip hop* é aquele que convida à manifestação da vida pública, convertendo-se no próprio lugar de afetividade propício à construção e afirmação de identidades, ao mesmo tempo em que cria o espaço físico para sua manifestação. Como citado por Martins (2005, p.41), no espaço público, os jovens criam espaços próprios de urbanidade que se transformam em territórios culturalmente expressivos nos quais diferentes identidades são elaboradas.

Acreditamos que são os laços culturais e identitários que unem indivíduos e enraízam comunidades. Na atualidade, culturas e identidades distintas são postas lado a lado, propiciando novas mesclas sócio-culturais. Na maioria das vezes, as culturas encontram novas materialidades e assumem novos aspectos. Para Teixeira Coelho (1997, p.125) e Canclini (2000, p.19), tornam-se híbridas e são resultados das diversas mesclas interculturais.

Observamos que, segundo o pensamento de Augras (1970), a opinião também é um fenômeno social que existe “*apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo*” (AUGRAS, 1970, p.16). O que se observa com isso é que a cultura assume um papel estratégico nas redes sociais virtuais, pois é uma das formas de organização destas. Nesse sentido, a cultura é

considerada como um “catalisador” de urbanidades e um instrumento de inclusão social, que potencializa e estimula o sentimento de pertencimento e identidade cultural de comunidades virtuais como fenômeno social.

O hip hop no Brasil e sua multiterritorialidade

Tratamos da cultura híbrida do *hip hop* através da experiência vivida no espaço das redes sociais virtuais, que ilustra a sua multiterritorialidade. Entendemos que o movimento *hip hop* é capaz de articular um território-rede coeso a partir de sua espacialização virtual, pois pontua no espaço físico da cidade lugares experienciáveis. Assim, para entendermos estas implicações, utilizamos o conceito de multiterritorialidade por Haesbaert:

A multiterritorialidade é “(...) resultante do domínio de um novo tipo de território, o território-rede em sentido estrito (...). Aqui, a perspectiva euclidiana de um espaço-superfície contínuo praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podemos mais distinguir claramente onde começam e onde terminam ou, ainda, aonde irão “eclodir”, pois formações rizomáticas também são possíveis”. (HAESBAERT, 2004, p.348)

Nesse aspecto, aplicamos o conceito de rizoma para trazeremos à tona a noção de multiterritorialidade da cultura *hip hop* e sua interação no território das redes sociais virtuais. O queremos dizer é que a cultura *hip hop* possui um caráter rizomático, pois não precisa de um ponto fixo de encontro e é conectável virtualmente (podendo materializar-se em qualquer ponto da cidade). Segundo Deleuze e Guattari um rizoma é “*conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível suscetível de receber modificações constantemente*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

Assim, ressaltamos a multiterritorialidade de uma cultura de manifesto e que no Brasil se recria ao se hibridizar com a cultura do lugar. Lugar este, parafraseando Canclini “*a partir do qual vários artistas latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas, [e que] já não é a cidade na qual passaram sua infância, nem tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos*” (CANCLINI, 2006, p.327).

Tais considerações nos colocam frente a um território apropriado pelos aspectos vividos, no qual se destaca a atuação do tempo como capaz de imprimir no lugar a diversidade da cultura *hip hop*. Observamos que o tempo atua não somente no espaço propriamente dito, mas também no espaço virtual de encontro, o que para Haesbaert é:

“mais do que (...) superposição espacial, (...), trata-se hoje, principalmente com o novo aparato tecnológico-informacional à nossa disposição, de uma multiterritorialidade não apenas por deslocamento físico como também por “conectividade virtual”, a capacidade de interagirmos à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios”. (HAESBAERT, 2004, p.13)

Nesse aspecto, remarcamos as redes sociais identitárias do movimento *hip hop* que divulgam não só eventos, mas, sobretudo tentam delimitar de alguma forma sua origem e fixação de sua presença em “território nacional” com características particulares à cultura brasileira, Bastos aponta para algumas características do movimento hip hop:

“a opressão, marginalização, violência, privação de cultura e lazer é uma realidade percebida e sentida de forma parecida pelos moradores de periferia de qualquer lugar do mundo. No entanto, o diálogo com a cultura local, com o popular, com o regional faz com que o Movimento hip hop adquira características singulares que o diferencia e legitima dentro das peculiaridades políticas, sociais, culturais e raciais locais.” (BASTOS, 2008, p. 35)

De acordo com Bastos (2008), o movimento hip hop no Brasil surge em meados da década de 80 em São Paulo e no ABC Paulista. Suas primeiras manifestações ocorreram na Praça Ramos em São Paulo e na rua 24 de Maio, também na região central. Segundo Ribeiro:

Este tipo de dança de rua, denominada genericamente como break, é a primeira manifestação do hip hop no Brasil, e passa a ser executada na Praça Ramos, na Estação de Metrô da São Bento e na Galeria 24 de Março, destacando-se neste período as equipes de dança Funk & Cia, onde se destaca o “pai” do break nacional Nelson Triunfo, e a equipe de break dance Jabaquaras Breakers. (RIBEIRO, 2009, p.4)

O movimento hip hop se difundiu pelo Brasil e pelo mundo através desses três elementos: o *break*, o *graffiti* e o *rap*. Para Fochi (2007, p.64), estes elementos “funcionam como um meio, um instrumento de propagação daquilo que alguns autores denominam o quarto - e, ao nosso ver, mais importante - elemento do hip hop: o *conhecimento*”.

Foi através da conscientização e do conhecimento, como base de sustentação, um dos principais fatores da consolidação e fortalecimento da cultura de rua. Com efeito, é importante observar que o *hip hop* também se recria como cultura de rua e de resistência social no espaço virtual das redes sociais, sempre apoiado nos quatro pilares que se converteram nas suas formas de comunicação. De acordo com Yuka:

“seu romantismo ideológico sobrevive a duras penas num plano periférico muito maior, nas favelas de todo Terceiro Mundo. É a partir da periferia dos países pobres que ele se projeta no futuro, anunciando seu mais novo elemento: informação. Daí a importância de se entender sua identidade e seu crescimento em suas diversas áreas de ação.” (YUKA, 2007, p. 15)

Percebemos, através das colocações históricas de Fochi (2007), Bastos (2008), Ribeiro (2009) e Leal (2008), que o movimento é carregado de um potencial transformador de realidades, ou seja, a capacidade que ele tem para transformar sua cultura, que encontra no Brasil grande acolhida, e que é em parte devido ao fato da cultura *hip hop* representar um lugar simbólico de construção identitária, por isto o espaço propício à construção e reafirmação da identidade da periferia social.

Acreditamos que o *hip hop*, como cultura, é capaz de expressar sua multiterritorialidade, pois é facilmente hibridizável com a cultura local; como também destaca, no espaço urbano, territórios híbridos. De acordo com Haesbaert,

“a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”. (HAESBAERT, 2004, p.344)

Coexistência periférica e urbana: redes sociais virtuais do hip hop

O movimento hip hop desenha sua coexistência através das comunidades virtuais que recriam múltiplos territórios na cidade do Rio de Janeiro. Ressaltamos que, as comunidades sociais virtuais estabelecem laços sociais e constroem uma interação mútua entre indivíduos que, segundo Primo, “*se reúnem por um senso comum, e não por mera agregação geográfica*” (PRIMO, 1997, p.2).

Já para Rheingold (1993), o conceito de comunidade virtual pode ser entendido como um grupo de pessoas que se relacionam no ciberespaço, criam redes sociais e sentimento de comunidade¹. Para Fernback e Thompson, as comunidades virtuais consistem em “*relações sociais formadas no ciberespaço através do contato repetido em um limite ou local específico (como uma conferência eletrônica) simbolicamente delineado por tópico ou interesse*” (FERNBACK; THOMPSON, 1995, *apud* PRIMO, 1997, p.8).

Com efeito, identificamos que o movimento *hip hop* possui grande atuação e alcança grande visibilidade através de *sites* de relacionamento e comunidades virtuais, tais como o *orkut*, *blogs*, *sites*, *twitter*, *facebook*, *myspace*, entre outros. Observação esta que é o foco de nossa análise, onde buscamos entender a atuação dos mesmos no ciberespaço e sobreposição na cidade.

Para Silva e Gonzaga (2009, p.6) o desenvolvimento das tecnologias de comunicação no espaço fez com que a proximidade das culturas tornasse a sua coexistência mais palpável. Utilizamos aqui o conceito de espaços de coexistência que, segundo Augras (1981) *apud* Lopes (2009, p.23), “no espaço de coexistência, os homens tecem redes que os aproximam e os afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação”. Neste sentido, visualizamos o território como algo dinâmico, através dos constantes movimentos, ritmos, fluxo e rede que, de acordo com Haesbaert (2004, p. 281), é dotado de significado e expressividade.

Assim, a partir de uma investigação exploratória e não estruturada, identificamos que estas redes sociais virtuais são caracterizadas por um sentimento de pertencimento, senso comum e forte interação social. Estas comunidades virtuais são formalizadas através de um discurso político e ideológico, com forte engajamento social e atuação comunitária. Por exemplo, no *blog* “Visão da Favela”ⁱⁱⁱ são postadas mensagens de protesto e posição com relação à sociedade:

[sic] “(...) Tem uma grande diferença em viver com o dinheiro e viver pelo o dinheiro. Conheço muita gente que dedicou uma grande parte das suas vidas ao rap, e esses continuam sendo referência para acreditarmos que o rap é acima de tudo um véis para divulgarmos nossos problemas sociais e nossos opressores. A filosofia do nosso coletivo irá continuar acreditando e trabalhando para a evolução e o esclarecimento de nosso papel nessa sociedade de classes, de racista, oportunista, pelegos e simpáticos dos ricos”. (FIELL, 2010)

A idéia de forte cunho ideológico colocada é também difundida por DJ Marquinhos através do *site* “Marquinho DJ *Black Music*”ⁱⁱⁱⁱ,

[sic] “Os negros ainda são minoria quando o assunto é o mundo executivo. Os motivos? Em geral, a falta de uma educação de qualidade, desde o ensino fundamental até a universidade. Mas existem avanços e as ações afirmativas colaboram muito para a formação de uma elite negra”. (MARQUINHOS, 2009)

[sic] “Na zona oeste da cidade, em Padre Miguel, em uma comunidade chamada “Ponto Chic”, surgiu há cerca de dez anos, um grupo de “resistência cultural” chamado “Point Chic Charm”. Bastou uma caixa de som, um repertório requintado de black music às alturas para aglutinar os saudosistas que passavam por ali e ficavam a recordar os bons tempos do reinado de James Brown e seus discípulos. Não demorou muito e virou um grande ponto de encontro da negrada, aos domingos, onde quem gostava de ouvir e dançar boa música poderia chegar, trazer a família e seus amigos. Era uma iniciativa dos irmãos negros Eduardo e Ângelo Oliveira. Que depois convidaram os dj’s, Jorge Sucesso, Beto Barra e Jhony, para comandar o baile. O movimento cresceu(...)”. (MARQUINHOS, 2009)

Neste sentido, destacamos a atuação das redes virtuais sociais do *hip hop* como um território de resistência, que recria espaços de coexistência na cidade. Pode-se dizer que o cunho ideológico desse movimento é materializado através do protesto (figura 1) e reivindica a presença da periferia urbana como ator social ativo, não sujeito à cultura do outro, mas atuante no processo de formação da sociedade.



Figura 01: Flyer de divulgação da 5ª Festa da Consciência Negra realizada sob o Viaduto de Madureira em 2008 que confirma o caráter reivindicatório e de afirmação da cultura negra do Movimento hip hop, e que neste momento tomou como slogan a frase dita por Barack Obama “Sim nós podemos”.

Fonte: Arquivo particular dos autores – outubro de 2008.

Em outros *sites* de relacionamento, como o *orkut*, identificamos uma interação maior dos participantes (também classificados como membros) a partir dos tópicos nas comunidades, divulgação de eventos, músicas, vídeos. A comunidade virtual chamada GBCR^{IV}, originária na favela da Rocinha, vê o *hip hop* como um instrumento de transformação na vida dos jovens e propõe projetos socioculturais ligados ao movimento cultural na comunidade.

A partir de tais considerações, identificamos que a maioria das comunidades virtuais funciona, em primeiro lugar, como um veículo de comunicação para divulgação de eventos, encontros, festas, cursos de capacitação, oficinas, entre outros, além de atuar como multiplicadores dos pontos das redes sociais. Os *blogs* estão conectados através de *links*, em que um tem acesso à rede do outro, tal como se fosse uma “grande praça” – território para divulgação e colocação das idéias.

O *blog* Visão da Favela, que é claramente um destes pontos da rede virtual, e que tem na “figura” de MC Fiell um dos seus mais ativos veiculadores, faz parte desses multiterritórios

das experiências vividas pelo ciberespaço. Em seu *blog*, divulga mensagens de cunho político (figura 2) e cria um território de luta e resistência,

[sic] “Através desse espaço, espero conhecer vários subversivos que intensamente tentam mudar algo nas suas vidas e nas dos seus semelhantes... Sabemos que a paz e liberdade é uma grande utopia em nosso país, Porém não podemos ficar de braços cruzados esperando algo das autoridades... Temos que fazer a nossa parte exigir nossos direitos, não aceitar tudo que nos propõem facilmente... Se nos unirmos e nos organizarmos tudo pode ser possível; mais enquanto não: Isso só favorece a oposição. Saibam todos que, “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA”. (FIELL, 2010)

Destacamos no *blog* Visão da Favela o anúncio de divulgação da “Cartilha Popular do Santa Marta: abordagem policial” (figura 2) que tem o objetivo de informar ao morador como são os procedimentos da abordagem policial e orientar a comunidade sobre seus direitos e postura,

[sic] “Na quarta feira 24/03/2010 as 16:30h subimos ao auto do morro Santa Marta para distribuir a cartilha. A cartilha popular do Santa Marta sobre abordagem policial nasceu da necessidade dos moradores da comunidade de conter excessos e abusos da ação policial, através da afirmação de seus direitos. Sua intenção é fortalecer a consciência de que o morador da favela deve ser respeitado pelo poder público e por seus agentes. Para isso, a cartilha descreve os limites da ação da polícia e orienta os moradores sobre qual a melhor maneira de agir em uma abordagem e nos casos de violações de seus direitos. Venha já buscar a sua cartilha.” (FIELL, 2010).

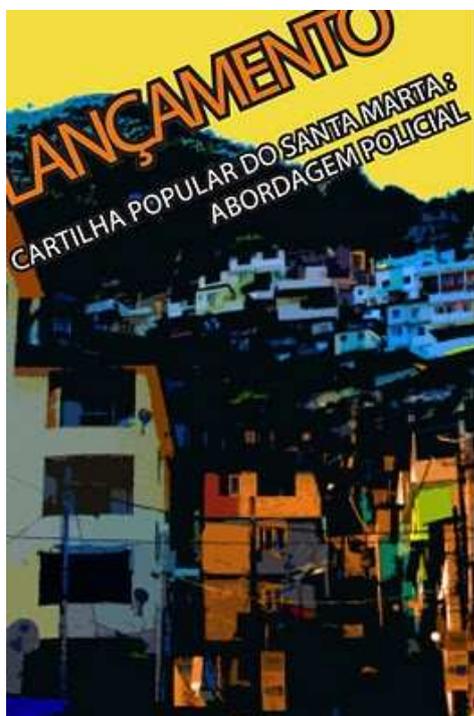


Figura 2: Divulgação da Cartilha Popular do Santa Marta: abordagem policial
Fonte: Arquivo particular dos autores – março de 2010.

Observamos a experiência da multiterritorialidade, que segundo Haesbaert (2004) inclui a reterritorialização *via* ciberespaço, através das múltiplas “ideias” que se encontram ao redor do simbolismo do *hip hop*. O que impulsiona o encontro está na identidade, muito mais que no lugar físico. O espaço físico percebido pela lente da multiterritorialidade do movimento do *hip hop* é pulverizado no espaço da cidade.

O processo de visibilidade do movimento *hip hop* através das redes virtuais é espacializado no espaço físico, o que observamos é a pulverização do *hip hop* em diversos bairros e municípios da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos como Niterói e São Gonçalo (figura 3).



Figura 3: Mapa dos Bairros no Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo onde ocorrem festas e eventos ligados ao movimento *hip hop*.

Fonte da imagem: Imagem *Google Earth* (Acesso em: 19 de abril 2010).

Fonte de dados: *sites* citados no artigo.

Na figura 4, a partir das redes virtuais, foram identificados os eventos, festas, oficinas e cursos que permeiam o movimento *hip hop* no Rio de Janeiro. Isso mostra a abrangência do movimento que percorre o espaço urbano atingindo uma gama diversa de lugares que se encontram nos *sites* de relacionamentos quando seus membros lá depositam suas impressões e experiências dos eventos.

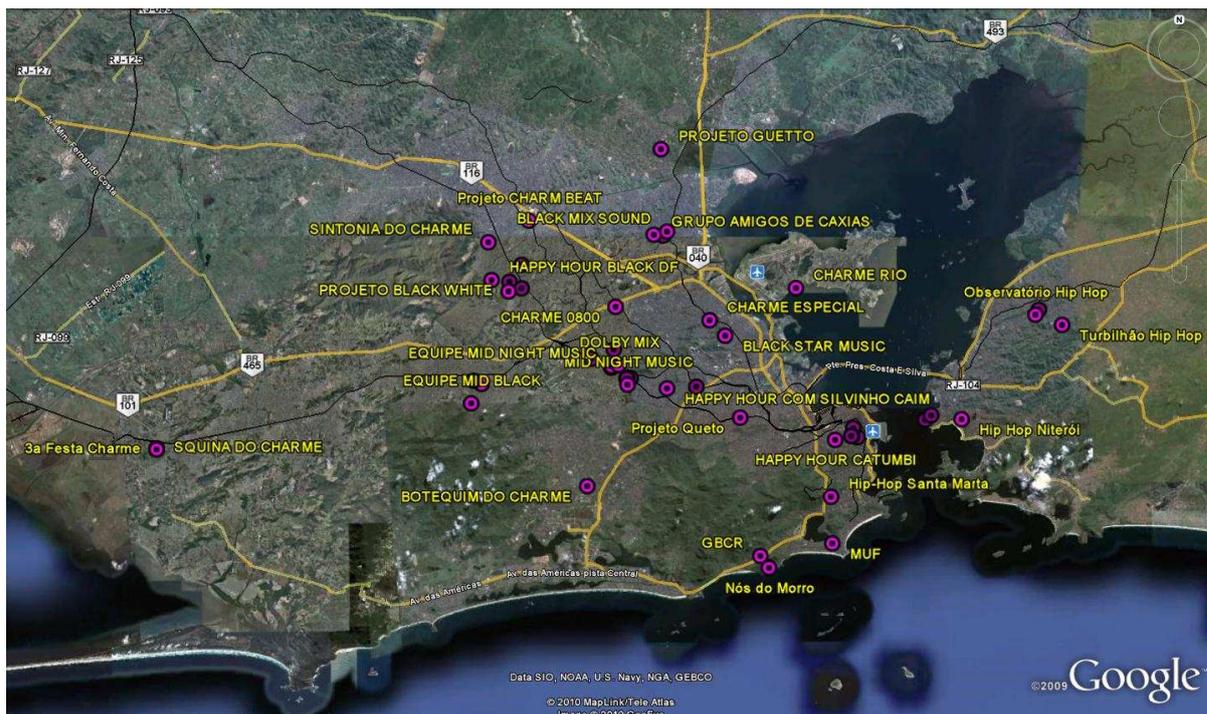


Figura 4: Mapa dos eventos de *hip hop* no Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo segundo os produtores de eventos.

Fonte da imagem: Imagem *Google Earth* (Acesso em: 19 de abril 2010).

Fonte de dados: *sites* citados no artigo.

Considerações finais

Procuramos demonstrar como a cultura *hip hop* pode recuperar o sentido de lugar, pois é vivenciado afetivamente e é capaz de reafirmar a natureza “libertadora dos guetos”. Deste modo, observamos o movimento *hip hop* como um território de resistência, pois dá visibilidade para aquele que vive nas periferias da cidade do Rio de Janeiro, como também dá suporte aos indivíduos na produção de suas próprias redes (sociais e virtuais), num sentido que aponta para a construção de múltiplos territórios que se apropriam e resignificam, cotidianamente, os espaços públicos da cidade.

Buscamos dar visibilidade ao movimento *Hip Hop* através de suas redes sociais virtuais e sua inserção nos múltiplos territórios da cidade do Rio de Janeiro. Ao construir espacialidades híbridas, a cultura *Hip Hop* coexiste no espaço urbano periférico e cria novos cenários que perpassam o espaço real e sobrepõe-se ao virtual.

As comunidades virtuais, *blogs*, *wikis*, *orkut* e *twitter* comprovam que o ciberespaço é considerado um incremento do capital social e cultural. Entender esta interface digital permite uma melhor compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e de ampliação do capital social em nossa sociedade. Deste modo, o *hip hop* pode ser

considerado uma força que impulsiona e induz, é a própria cultura em ação que ultrapassa barreiras não só físicas, mas também socioculturais.

Neste sentido, observamos como as redes sociais virtuais se encaixam de forma efetiva na divulgação e na difusão da ideologia do movimento hip hop no Brasil, e sua reafirmação na cidade ao espacializar sua história. Lembramos que, para aqueles que são adeptos do seu sistema de idéias, este pode ser uma das “últimas saídas” encontradas como possibilidade multiplicadora da ideologia de paz, tolerância e manifestação do outro – periférico como criador cultural.

Referências Bibliográficas

- AUGRAS, Monique. **À procura do conceito de opinião pública**. In: *Opinião pública: teoria e processo*. Petrópolis: Vozes. 1970.
- BASTOS, Pablo Nabarrete. **Ecos de espelhos. Movimento Hip Hop do ABC Paulista: sociabilidade, intervenções, identificações e mediações sociais, culturais, raciais, comunicacionais e políticas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CANCLINI, N. G., (2000), **Culturas híbridas**, São Paulo, EDUSP.
- _____, (2006), **Estratégias para entrar e sair da modernidade**, São Paulo, EDUSP.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs Volume 1: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FARIA, Hamilton. **Políticas Públicas de Cultura e Desenvolvimento Humano nas Cidades**. In: BRANT, Leonardo (org) *Políticas Culturais Vol. 1*. São Paulo: Manole, 2003, p.35-54.
- FIELL, Rapper. **Blog Visão da Favela**. Rio de Janeiro.2007. Disponível em: <<http://visaodafavelabr.blogspot.com/>> Acesso em: 20 maio 2010.
- FOCHI, M. A. B. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social? **FACOM. Revista de Comunicação da FAAP**, v. 17, p. 61-69, 2007. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2010.
- GBCR, **Blog GBCR**. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://gbcrrh2.blogspot.com/>> Acesso em: 20 maio 2010.
- GIL, Gilberto. Apresentação. **UNESCO. Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003, pp.9-10. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>> Acesso em: 21 set 2008.
- HAESBAERT, Rogério, (2004) **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. São Paulo. Disponível em: <<http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rogerio%20HAESBAERT.pdf>> Acesso em: 20 jan 2010.
- _____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- LOPES, José Rogério. Territorialidades urbanas, desigualdades e espaços de coexistência. **XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association**, 2009, Rio de Janeiro, RJ.

- LASA 2009 Rethinking Inequalities, Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/LopesJoseRogerio.pdf>> Acesso em: 20 maio 2010.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Os bailes de charme: espaços de elaboração de identidades juvenis**. In: Última década, nº 22. Valparaíso: CIDPA, 2005, p.39-62.
- MARQUINHO, **Blog Marquinho Dj Black Music**. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://marquinhodjblackmusic.blogspot.com>> Acesso em: 19 maio 2010
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira. A emergência das comunidades virtuais. **Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em:<http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 22 maio 2010.
- RHEINGOLD, H. **The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier**. Perseus Books, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>> Acesso em: 28 jul., 2009
- RIBEIRO, C. C. R. . Interação cultural e social do movimento hip hop. **Revista Palmares** (Brasília), v. ano V, p. 48-55, 2009. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/_temp/sites/000/2/download/artigocrr09.pdf> Acesso em: 20 jan 2010.
- SILVA, Regina Helena Alves de; MIGLIANO, Milene. Redes Culturais em Territórios Urbanos. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18423/1/R1702-2.pdf> > Acesso em: 20 jan 2010.
- SILVA, R. H. A. . Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom 2005**, 2005, Rio de Janeiro. Anais da INTERCOM 2005. Rio de Janeiro : INTERCOM - UERJ, 2005. v. 02. p. 38-47. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1702-2.pdf>>. Acessado em 16 out 2010.
- TEIXEIRA COELHO, **Usos da cultura: políticas de ação cultural**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- _____. **Dicionário Crítico de Política Cultural**, São Paulo, Iluminuras, 1997.
- WERTHEIN, Jorge. **Palestra de abertura do Seminário Cultura e Paz: violência, política e representação nas Américas**. Austin, 2003a. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/cpa/spring03/culturaypaz/werthein-por.pdf>>. Acessado em 15 dez 2010.
- _____. **Introdução**. In: **UNESCO Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003b, p.9-20. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>>. Acesso em: 21 set 2008.
- _____. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>>. Acessado em: 15 dez 2010.
- YUKA, Marcelo. Prefácio In: **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- YUKA, Marcelo. Prefácio. **Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação**, (org. LEAL, Sérgio José de Machado) Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

ⁱ Tradução livre das autoras do original "Virtual communities are places where people meet, (...) Point of view, along with identity, is one of the great variables in cyberspace."

ⁱⁱ <http://visaodafavelabr.blogspot.com>

iii <http://marquinhodjblackmusic.blogspot.com>

iv <http://gbcrh2.blogspot.com/>